

Universidade Eduardo Mondlane  
Faculdade de Economia

## ECONOMIA INDUSTRIAL

Aulas 10C: 24/04/2008

Docente: Prof. Doutor Carlos Nuno Castel-Branco, Carlos Vicente e Nelsa Massingue

### O DEBATE SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DO IDE PARA O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL

1. Os termos gerais do debate sobre se o IDE pode contribuir para o desenvolvimento:
  - a. A visão neo-clássica:
    - i. IDE responde positivamente a vantagens comparativas;
    - ii. IDE responde positivamente a um ambiente económico liberalizado;
    - iii. IDE complementa a poupança doméstica;
    - iv. Logo, IDE é positivo para a economia.
  - b. Visões marxistas:
    - i. Neo-marxistas, marxistas radicais e teóricos marxistas de dependência: IDE representa uma forma superior de extracção de recursos e exploração da força de trabalho; contributo positivo para MNEs e grande capital no “centro capitalista” e negativo na “periferia”;
    - ii. Marx, Engels e Lenine:
      1. IDE como uma forma de internacionalização do capital e globalização da produção, respondendo a estratégias corporativas e às condições gerais de competição;
      2. desafio central que levanta é sobre a relação entre capital globalizado e trabalho localizado. Outro desafio fundamental é sobre o desenvolvimento desigual do capitalismo;
      3. desenvolvimento internacional do capitalismo tem um carácter destrutivo e um construtivo;
      4. estas questões modificam os termos do debate – em vez de “se o IDE contribui para o desenvolvimento” a questão é “para que desenvolvimento é que o IDE contribui”. A resposta a esta pergunta depende da dinâmica entre as classes, como é que elas influenciam o estado, e quais são as condições socioeconómicas concretas em que o IDE opera.
  - c. Estruturalistas: impacto positivo do IDE depende da natureza do IDE e da sua articulação com a economia doméstica.
2. Contributo do IDE para o investimento
  - a. IDE é parte do investimento e pode ser complementar à poupança doméstica;
  - b. Mas o contributo do IDE para o investimento não é necessariamente igual ao valor de IDE;
    - i. IDE é composto por novo investimento e aquisições e fusões (M&A);
    - ii. M&A:

1. M&A geralmente não é novo investimento, mas simplesmente uma transferência de activos produtivos entre diferentes capitais;
  2. M&A pode influenciar negativamente o clima de investimento se forçar a subida das taxas de juro e apreciação da moeda nacional;
  3. M&A pode, também, conduzir a novo investimento se: (i) os accionistas que tiverem vendido os seus activos investirem produtivamente os lucros financeiros realizados; e (ii) se os novos donos fizerem novo investimento;
  4. portanto, se M&A provoca ou não novo investimento é uma questão sobretudo empírica, e relacionada com políticas e estratégias concretas e com contextos económicos específicos.
- iii. Novo investimento:
1. o contributo da componente “novo investimento” para a formação do investimento na economia também não é necessariamente igual ao valor facial do novo investimento;
  2. se as firmas estrangeiras são autorizadas a contrair empréstimos na banca nacional, isto pode provocar “crowding out” do sistema financeiro local e impedir que outro investimento se faça. Mas também pode gerar novos recursos financeiros e, a médio prazo, provocar “crowding in”. Esta também é uma questão empírica, igualmente associada com o contexto em que os processos ocorrem e com as estratégias públicas e privadas;
  3. se o novo investimento é aplicado em mercados em que firmas domésticas operam, e estas são eliminadas pelo maior poderio da empresa estrangeira, então o impacto global pode ser a redução agregada do investimento;
  4. se o novo investimento introduzir novos produtos e tecnologias, ou operar em mercados subdesenvolvidos, então o contributo do IDE para o investimento total será positivo;
  5. se, além disso, os projectos de IDE criarem ligações dentro da economia com empresas domésticas (por exemplo, ligações insumo/produto, pecuniárias, tecnológicas, etc.); e se estas ligações incentivarem (e criarem capacidade para) empresas domésticas investirem mais; então o contributo do IDE para o investimento será superior ao valor facial do IDE-investimento.
- iv. Portanto, o contributo do IDE para o investimento depende não apenas do valor facial do IDE, mas também, e sobretudo: da proporção do IDE que é novo investimento; da alocação deste investimento; da introdução de novas tecnologias e produtos; das ligações desenvolvidas com empresas domésticas; se o novo investimento crowds out or in o capital doméstico; se M&A também criam investimento ou não.
- c. De um modo geral, para elevar as probabilidades de ligações e complementaridades (em vez de competição) se desenvolverem entre IDE e empresas domésticas, é necessário, mas não suficiente, que a distribuição do

IDE seja diferente da distribuição do stock de capital já existente, e que o IDE opere em sectores ainda subdesenvolvidos.

3. Contributo do IDE para o crescimento da economia:
  - a. IDE pode contribuir para o crescimento económico por via do seu impacto no investimento e na oferta de factores;
  - b. No entanto, se os retornos na acumulação de capital forem decrescentes, o impacto positivo do IDE será de curta duração;
  - c. Para garantir um impacto contínuo e de longo prazo, é preciso que o IDE contribua para melhorar a qualidade dos factores e a sua organização, de modo a gerar retornos crescentes no investimento. Portanto, é necessário não só aumentar a oferta de factores mas também a sua produtividade;
  - d. O impacto do IDE no crescimento da economia também depende da capacidade de as firmas domésticas absorverem externalidades do IDE, nomeadamente através das ligações;
  - e. Estudos empíricos mostram que quanto mais desenvolvida for a economia e a qualidade dos factores, mais alta é a capacidade de absorção das externalidades do IDE pela economia doméstica;
  - f. No entanto, o impacto do IDE é mais alto nas economias em industrialização (isto é, seguidoras e próximas da fronteira industrial) do que nas economias industrializadas (isto é, líderes e na fronteira). Isto deve-se a dois aspectos: as economias seguidoras beneficiam do efeito "catching up"; e estas economias são mais dependentes do IDE para o seu progresso;
  - g. Outros estudos empíricos também mostram que o IDE em geral não é o propulsor do crescimento, mas dirige-se para onde já existe uma dinâmica de crescimento.
  
4. Contributo do IDE para o aumento da produtividade:
  - a. O IDE pode contribuir para o aumento da produtividade da economia por via de quatro impactos diferentes:
    - i. O seu impacto nas subsidiárias e joint ventures em que participa directamente;
    - ii. Aumentando a procura e, portanto, o mercado para as empresas domésticas;
    - iii. Aumentando a oferta de factores de melhor qualidade e mais baratos;
    - e
    - iv. Gerando externalidades tecnológicas positivas para as restantes firmas.
  - b. O primeiro impacto, i., é geralmente materializado. Estudos mostram, no entanto, que IDE escolhe empresas mais produtivas e de melhor produtividade para investir, pelo que o seu contributo é mais marginal do que seria se investisse em, e transformasse, empresas de menor qualidade;
  - c. Os dois impactos seguintes, ii. e iii., dependem da alocação do IDE e das capacidades existentes na economia;
  - d. O último impacto, iv., é analisado em mais detalhe no ponto a seguir;
  - e. De um modo geral, o impacto do IDE no aumento da produtividade é circunscrito às subsidiárias e joint ventures em que o IDE participa directamente.
  
5. Contributo do IDE para externalidades tecnológicas:

- a. Transferência tecnológica é mais efectiva quando realizada por contacto directo entre empresas (por via de colaboração, redes, joint ventures, etc.), em vez de entre empresas e o mercado. Isto acontece porque tecnologia é conhecimento, capacidades e competências; as empresas são repositórios dessas conhecimentos, capacidades e competências; os mais importantes dos quais são tácitos, institucionalizados e dificilmente transferíveis;
  - b. IDE pode gerar externalidades tecnológicas por cinco vias:
    - i. Externalidades de conhecimento: novos produtos, novos processos, contratos de formação, acesso a informação, etc. Difícil de acontecer se IDE criar activos produtivos específicos cuja tecnologia não tenha relevância para outros sectores. Quando o IDE entra em indústrias onde já existem outras firmas, portanto onde a sua tecnologia é relevante para outros, essas firmas tendem a não aguentar com a competição gerada pelo IDE e portanto desaparecem antes de absorverem novas tecnologias e formas de trabalhar mais efectivas. Quanto mais avançado for o IDE em relação ao nível tecnológico e capacidades produtivas e inovadoras da economia receptora, mais difícil será para as empresas locais aprender com o IDE;
    - ii. Institucionalização de standards de alta qualidade. Isto só acontece se houver ligações industriais sistemáticas e fortes com o resto da economia, e se as empresas locais forem capazes de evoluir rapidamente;
    - iii. Mobilidade de força de trabalho qualificada das empresas do IDE para outras. Geralmente não acontece porque as empresas com IDE oferecem melhores condições;
    - iv. Redução dos custos de inovação para as outras firmas. Isto depende do tipo de inovação e sua relevância para a economia local, bem como da capacidade das empresas locais de absorverem inovações e prosseguirem com elas;
    - v. Fornecendo novos factores, de melhor qualidade e mais baratos, para as empresas locais. Isto depende da alocação do IDE e das suas ligações com a economia local.
  - c. Portanto, externalidades tecnológicas dependem do tipo de IDE, sua alocação, sua relação com a economia e empresas locais, e as capacidades destas para tirarem proveito do IDE e absorverem as suas sinergias positivas.
6. Contributo pecuniário do IDE:
- a. O IDE pode gerar um contributo e ligações pecuniárias com a economia na forma de poupança e financiamento do investimento, moeda externa e receitas fiscais:
    - i. IDE resulta de poupança externa que, no quadro de certos limites e condições (discutidas anteriormente) pode complementar poupança doméstica;
    - ii. IDE também gera lucros, os quais podem aumentar a disponibilidade de finanças para o investimento, se não forem repatriados ou transferidos em modalidades de "transfer pricing";
    - iii. IDE pode gerar moeda externa ao ponto de permitir a expansão da economia, caso o repatriamento de lucros, pagamento de royalties, etc., sejam inferiores à receita externa líquida;

- iv. IDE pode gerar receitas fiscais, as quais complementam poupança interna e permitem a realização do investimento público;
  - v. Através do emprego, o IDE gera rendimentos salariais os quais têm potenciais multiplicadores na economia por via da procura e da poupança.
- b. Estudos empíricos mostram, no entanto, que as ligações pecuniárias promovidas pelo IDE são bastante limitadas por causa dos pacotes de incentivos, transfer pricing e pequeno impacto real no emprego.
7. Em resumo, o contributo do IDE para o desenvolvimento depende do tipo de IDE, sua articulação com a economia, estratégias, regulamentos e condições institucionais em que o IDE opera. Não há nada automático e inevitável no que respeita ao IDE.